

## **A IMPORTÂNCIA DE UM AMBIENTE ALFABETIZADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Alice Gritti, Cláudia Ap. Manzoli de Oliveira, Edilaine Fernandes de Melo, Marília Fernanda Galli,  
Silvana Pereira Cardoso de Oliveira

### **Resumo**

O presente trabalho visa favorecer a compreensão das possibilidades de como trabalhar com a escrita ainda na Educação Infantil, permitindo que o aluno desenvolva as diversas linguagens, como também a linguagem escrita que faz parte do seu cotidiano e está inserida no contexto social de todos, colocando-os em melhores condições no que se refere à leitura e escrita antes de iniciar a escolaridade no Ensino Fundamental. As crianças podem desenvolver suas estratégias de uso da escrita, nos registros de textos de maneira gradativa e lúdica. Deste modo, através de brincadeiras, o aluno amplia a capacidade de dar início à distinção de harmonias entre o som das letras e grafias, nota-se então que existem meios para criar ocasiões a partir de desafios, auxiliando a criança nas suas ações com o objetivo de que ela descubra a lógica e funcionamento da escrita, não necessitando de atividades exaustivas e com repetição. Acredita-se que o tema contribuirá para uma melhor compreensão dos processos de ensino e aprendizagem no decorrer da educação infantil, e gerar reflexões aos professores sobre essa etapa de escolarização.

**Palavras-chave:** educação infantil; conhecimento da escrita; alfabetização.

---

### **1. Introdução**

A escolha do tema se deu a partir da observação do quanto é importante o contato com a escrita durante a Educação Infantil e que, permitir que a criança tenha acesso a essa cultura, pode contribuir para o seu desenvolvimento e conseqüentemente no processo natural de alfabetização da criança.

O aluno da educação infantil, no geral, apresenta interesse em conhecer as formas, como escrever e ler, mostra que tem disposição para desenvolver a leitura e a escrita, de acordo com as oportunidades oferecidas do meio que faz parte, como família, escola e sociedade. Com isso, acredita-se que o educador pode e deve promover esta aprendizagem, fazendo intervenções em momentos propícios e permitindo que o aluno evolua no processo de aprendizagem, favorecendo oportunidades iguais de acesso ao conhecimento antes de ingressar no Ensino Fundamental.

Durante a educação infantil, as crianças têm o acesso à escrita quando brincam com o som das palavras, notando o que há de igual e diferente entre os termos, manuseiam variedades de material escrito, como revistas, livros, alfabetos móveis, gibis, entre outros. Neste momento é o educador quem faz a leitura e serve de escriba na elaboração da reescrita ou recontos de textos.

Algumas crianças já estão inseridas no contexto da leitura, pois convivem com adultos alfabetizados e possuem livros em casa, manuseiam objetos tecnológicos, fazendo parte de um mundo letrado, em um ambiente que favorece a alfabetização.

A Educação Infantil é uma etapa essencial do desenvolvimento escolar das crianças. Ao democratizar o ingresso à cultura escrita, ela contribui para tornar mínimas as diferenças socioculturais. Ressalta-se ainda que a maioria dos alunos da escola pública depende integralmente desse espaço escolar para que tenha acesso a essa riqueza cultural.

Para Seber (2009), o professor, ao mesmo tempo em que não pode se comportar apenas como observador, não deve também radicalizar sua atuação, acreditando que a criança não aprenderá sem ensinamentos planejados. O educador deve estimular o desenvolvimento da escrita, fazendo intervenções e disponibilizando atividades criativas e convidativas de acordo com a idade e maturação do aluno.

---

## **2. Desenvolvimento da escrita na educação infantil**

A Constituição de 1988 e a Lei 9.394/96 identificam a educação infantil como um direito da criança até os cinco anos de idade; faz parte da educação básica e visa o desenvolvimento integral da criança.

A educação infantil já faz parte da nossa história há mais de cem anos, porém, iniciou com o objetivo de favorecer os cuidados básicos, dar assistência às crianças de mães que prestavam serviços para indústrias em período integral. Somente há algum tempo houve algumas mudanças onde o ensino infantil passou a ser visto como primeira etapa da educação básica, sendo uma fase de grande importância, passando a ser um direito da criança e dever do Estado fornecer educação de qualidade.

No entanto, com muitas mudanças que aconteceram na sociedade, houve alterações na prática pedagógica. Os profissionais da educação precisam de uma formação ou qualificação específica para atuar nesta área, onde a prioridade é o desenvolvimento integral do aluno, atendendo as etapas de acordo com a maturação da criança. O Ensino Infantil deve dar continuidade à atuação da família no processo de desenvolvimento da criança e para isso é necessário o contato entre corpo docente e pais de alunos.

Para Kramer (2008), a criança precisa de uma maturação para que ocorra a aprendizagem, porém é preciso que tenha acesso a oportunidades para que possa desenvolver-se naturalmente, tendo a chance de aprender antes de ingressar no Ensino Fundamental.

De acordo com Nicolau (2000), o ensino nos primeiros anos de vida é essencial para o processo de desenvolvimento do educando, sendo de grande importância o papel da educação na pré-escola durante a formação da criança para uma sociedade em constante modificação. A educação infantil deve defender

o ato educativo, que tem um objetivo próprio, que é o desenvolvimento integral do aluno, e não deve ser vista como uma etapa preparatória para o Ensino Fundamental.

A expressão *pré-escola* nos faz entendê-la como um preparo para o Ensino Fundamental. No entanto a educação infantil tem como finalidade desenvolver na criança habilidades para satisfazer suas necessidades básicas, proporcionando um bem-estar físico, afetivo, social e intelectual, oportunizando o desenvolvimento das diversas linguagens, inclusive a escrita e leitura, permitindo a participação ativa da criança na sua própria aprendizagem.

Conforme citado, na educação infantil não se deve priorizar a alfabetização, porém, desenvolver atividades para que as crianças se sintam mais autônomas e motivadas em relação a aprendizagem. Deve-se oferecer às crianças oportunidades que instiguem a construção do seu próprio conhecimento no que diz respeito à escrita de forma natural, porém respeitando o tempo necessário de desenvolvimento de cada aluno.

A criança precisará para aprender a ler e escrever um grau satisfatório de desenvolvimento intelectual, afetivo-social e físico, além disso, deverá ter desenvolvidas algumas funções específicas como, por exemplo: a linguagem, percepção, lateralidade, orientação espacial e temporal que são fundamentais nesta etapa de aprendizagem. Tanto o conhecimento transmitido quanto às experiências vivenciadas pelas crianças são responsáveis pelo seu desenvolvimento para a aquisição do processo de alfabetização. “[...] A alfabetização implica uma atividade de interesse, motivação e maturidade. É condição também para que outras aprendizagens ocorram”. (NICOLAU, 2000, p.119).

Portanto, alfabetizar não seria apenas um processo de identificação e codificação do escrito, mas saber utilizá-lo de maneira compreensiva e criativa. Sendo assim, a alfabetização é um processo sucessivo que ocorre durante a vida do ser humano.

Conforme a autora, o desenvolvimento da linguagem se torna um fator principal no processo de aprendizagem, pois a criança já nos primeiros anos de vida passa a observar, imitar e compreender falas das pessoas que estão em seu entorno interagindo, cuidando e ensinando. Com isso, a pré-escola tem uma função fundamental durante o Ensino Infantil, com o dever de favorecer oportunidades para que a criança amplie seu vocabulário, desenvolvendo de maneira adequada a linguagem oral.

A educação infantil poderá contribuir de modo a enriquecer as experiências das crianças, devendo oferecer o trabalho com palavras de modo que compreenda suas semelhanças e diferenças. As palavras deverão ser apresentadas de maneira lúdica, incentivando a descoberta e interação com materiais impressos, possibilitando o contato com a leitura e escrita. Ao professor competirá oferecer subsídios e estímulos permitindo que a criança pré-escolar identifique sons, desde os mais simples aos complexos.

[...] O papel da escola, e mais particularmente o da escola maternal, não é esperar o advento de um estado de maturação compatível com essa ou aquela categoria de competência comportamental, mas suscitar essa maturação sem qualquer ‘pressão pedagógica’, para que a criança desenvolva bem e o mais cedo possível todas suas potencialidades. Desde que mergulhada em um meio rico em estímulos de linguagem, orais e escritos, e sob a orientação da mediação metódica de um adulto incitando-a a desdobrar todas suas faculdades de adaptação, não haverá obstáculos para que a criança domine, antes dos seis anos, os instrumentos de base da comunicação tanto oral quanto escrita (GATÉ 2001, p.49).

No entanto, quando a pré-escola oferece jogos em que os alunos juntam e separam suas partes, montam e desmontam as peças, juntam e separam sílabas, ela está contribuindo para que as crianças, em seguida, possam compor e decompor, além de formar novas palavras. Uma das condições necessária para que a criança desenvolva a escrita é a lateralidade definida, isto é, se é destra ou canhota. Pois a coordenação é de grande importância para o processo de alfabetização.

Segundo Ferreiro; Teberosky (1999), a criança apresenta conflitos cognitivos ao receber novas informações ocasionando um desequilíbrio, no entanto ao assimilar transforma-as em conhecimento. Porém, é importante observar e perceber os momentos nos quais o aluno demonstra sensibilidade a suas dúvidas, para fazer intervenções e ajudando a progredir no sentido de uma nova reestruturação.

Com isso, o educador poderá propor atividades pertinentes, ou seja, que favoreçam a reflexão e interpretação, desenvolver trabalhos com leituras em voz alta e em seguida fazer reescrita coletiva, chamada com crachá e principalmente trabalhar com cantinho da leitura e empréstimo de livros para que os pais ou cuidadores possam participar do processo de aprendizagem do aluno.

Portanto, compreende-se que o desenvolvimento da escrita tem início a partir do momento que o aluno passa a vivenciar experiências que envolva leituras, formas de expressar por meio da escrita, como também o manuseio de impressos em geral.

## **2.2. Aprendizagem na Educação Infantil**

De acordo com Ferreiro (2011), há algum tempo as tentativas de escrita das crianças com menos de sete anos eram consideradas como simples garatujas sem qualquer valor sonoro, porém as garatujas e tentativas de escrita ocorrem através de uma atividade cognitiva, onde o aluno desenvolve a habilidade para a leitura e escrita de acordo com os estímulos que são oferecidos e conforme sua participação ativa neste processo.

Deste modo, a criança está inserida no mundo da escrita antes de ingressar na escola e tem acesso a informações que levam ao conhecimento prévio da escrita. Esses aprendizados ocorrem a partir do

momento que a criança passa a utilizar a linguagem falada, ou observam o comportamento dos adultos que estão ao seu entorno nos momentos de leitura ou escrita. Com isso, o professor não deve se limitar a ser simplesmente um observador durante o ensino-aprendizagem da escrita, mas permitir que as informações extra escolares, ou seja, o que o aluno aprende além da escola, no contexto em que vive, sejam incluídas neste processo.

As crianças, desde muito pequenas, se apresentam capazes de produzir sinais que imitam a escrita dos adultos, sendo assim observa-se que o aluno tem consciência deste processo e seu sentido antes mesmo de frequentar a escola. Pois são formadas algumas hipóteses temporárias por parte da criança antes de compreender a complexidade do todo. Essas hipóteses desenvolvem de acordo com o processo de aprendizagem de cada criança e do meio em que vive quanto mais estímulo social e participação na leitura e escrita, mais confiabilidade a criança desenvolverá.

Segundo Ferreiro (2011), a criança percebe que é necessário uma quantidade mínima de letras para escrever uma palavra e obter algo legível, pois o aluno faz uma relação entre a palavra e o objeto. No início, ele se permite repetir sílabas e saltar letras para chegar ao resultado desejado. Com o decorrer da aprendizagem, a criança passa a aplicar uma letra para cada sílaba, tentando corrigir o problema relacionado à quantidade e qualidade das letras, pois uma palavra precisa de grafias distintas e uma só letra não pode ser lida, ou seja, não pode ser legível uma palavra composta pela mesma letra. Com isso a criança mantém uma escrita composta por partes e não pode conter letras repetidas para que possa ser legível. Neste estágio o aluno compreende apenas o que ele faz.

Durante o processo de construção da escrita é comum as crianças cometerem erros, que são entendidos como faltas ou equívocos, previstos durante este processo, pois a criança está no momento de enriquecimento da aprendizagem. Esses erros são de grande importância, pois permitem que o aluno amplie sua aprendizagem.

Ainda conforme a autora, as crianças encontram soluções adequadas para que a língua escrita se transforme, passando de algo a que busca descobrir, identificar, se transformando em componente de seu conhecimento. É no andamento dessa assimilação que elas estabelecem hipóteses as quais apresentam um papel primordial no decorrer de sua aprendizagem. Essas hipóteses construídas pelas próprias crianças as ajudam a entender o que o adulto quer transmitir e o que os próprios alunos produzem a respeito da língua escrita.

De acordo com Pérez; García (2001), a cada período ou grau que se encontram, as crianças utilizam métodos de construção de hipóteses diferentes dos que usavam antes e das que usarão futuramente. Nas crianças o entendimento de escrita progride de acordo com o decorrer da aprendizagem, a qual não está

conduzida pela idade do aluno, ou seja, é provável que a criança compreenda o procedimento de construção da escrita desde que lhe seja sugerida que escreva naturalmente.

Existem várias formas de representação alfabética da linguagem e esses modos pré-alfabéticos se estabelecem em ordem, ou seja, hipóteses como: PS- pré-silábico: a criança não percebe a diferença entre o desenho, números e as letras, como ainda não consegue fazer uma relação entre a escrita e a fala; acredita que a quantidade de letras que compõe o nome de um elemento tem uma semelhança com o tamanho do mesmo, ou seja, objeto grande precisa de mais letras do que objetos menores para a escrita de seu nome. Utiliza grafias do próprio nome para elaborar escritas de outras palavras e entende que para conseguir ler a palavra deve conter mais de três letras. Nesse estágio a criança faz leitura de forma global lendo o todo.

De acordo com Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1989), a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado em hipóteses: S.- silábico: durante o desenvolvimento da escrita da palavra a criança faz o uso de uma letra para cada sílaba, ou escreve utilizando diversas letras, porém na realização da leitura entende que cada grafia significa uma sílaba. S.A. – silábico alfabético: percebe a escrita como reprodução sonora do diálogo, compreende que é preciso mais letras para a maior parte das sílabas, passa a distinguir o som de diversas letras. A.- alfabético: percebe que o papel principal da escrita na sociedade é a comunicação. Reconhece o valor sonoro da maioria ou todas as letras do alfabeto, se mostra com equilíbrio durante a escrita de diversas palavras, buscando ajustar a escrita com fala, desenvolve leituras de textos com ou sem imagens, começa a se preocupar com a ortografia, neste estágio a criança elabora textos de maneira convencional e consegue separar palavras ao escrever frases.

Neste sentido, para adquirir o entendimento de escrita, as crianças precisam de contextos significativos, no entanto, a escola precisa promover situações que estimule a aprendizagem, oportunizando o desenvolvimento de forma espontânea.

[...] As crianças também enfrentam dificuldades conceituais, as quais são gradativamente vencidas mediante uma ação dirigida no sentido de compreender essa forma de comunicação. Ao agir sobre a escrita, reelaborando as informações colhidas, pouco a pouco elas podem compreender seu processo de construção. Suas regras, seu valor. Enfim, através de um esforço pessoal de entendimento, elas descobrem de que maneira a escrita funciona (SEBER, 2009, p.198).

Conforme o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (1998), para desenvolver a escrita, a criança precisará lidar com dois processos de aprendizagem paralelos: o da natureza de sistema de escrita da língua, ou seja, o que representa a escrita e como, e o das características da linguagem que se utiliza para escrever. A aprendizagem da língua escrita está ligada ao contato direto

com vários textos para que assim as crianças possam desenvolver a escrita com autonomia. O educador deve ter uma participação neste processo, a partir de leitura de textos, permitindo que a criança desenvolva um repertório amplo tanto oral quanto escrito.

Portanto, o acesso à leitura e a diversos materiais escritos por intermédio do educador possibilita a inserção do aluno em práticas culturais mediada pela escrita, inserindo a criança no mundo da leitura, como leitora. As crianças do Ensino Infantil, quando instigadas a aprender, podem desenvolver a escrita de forma natural e construtiva.

Segundo Seber (2009), o educador ao mesmo tempo em que aceita a resposta formulada pelo aluno, é importante que o incentive, questionando e permitindo que refletir a partir da própria reprodução, sendo assim a criança aprende a pensar a respeito de suas ações. Portanto, progredindo nas reflexões, as respostas do aluno e comportamento do professor se transformam, pois o educador percebe a importância de proporcionar maiores desafios, de acordo com o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra.

As contribuições infantis podem ser notadas na maneira de as crianças reagirem. A partir das suas experiências com o material gráfico em geral, com atos de leitura e escrita vividos, paulatinamente elas abstraem informações, reestruturando-as conforme as suas possibilidades. Tanto há reestruturações das informações abstraídas que os resultados são criações originais (SEBER, 2009, p.67).

Para a autora, o educador deve acreditar que o aluno não age de forma passiva quando oferecidas oportunidades de aprendizagem através do ambiente a qual pertence, ou seja, crê que o aluno utiliza as informações, modelo social para construção de sua aprendizagem, assim é possível perceber que poderá fazer uma ligação mais clara entre o processo de aprendizagem, desenvolvimento da criança da educação infantil e os progressos da sociedade, como a língua escrita, com isso, é fundamental que o professor reconheça e aceite os conhecimentos adquiridos pelo aluno no ambiente familiar, cultural e social, ensinando a partir das experiências vivenciadas pelas crianças, com o objetivo de ampliar com qualidade seus conhecimentos.

As intensões de escrita só podem ser conhecidas, portanto, se o professor se dispuser a desempenhar o papel de interlocutor da criança. Ao procurar saber o que ela quis representar e ao respeitar o modo como esse desejo se manifestou graficamente, pouco a pouco, o professor aprende a fornecer informações sobre a língua escrita na hora certa e na dosagem correta, ou seja, ajustadas àquelas ideias que a própria criança vem desenvolvendo (SEBER, 2009, p.16).

De acordo com Sanchez (2004), percebe-se que, desde cedo, a maioria das crianças interagem com diversos objetos escritos que favorecem o desenvolvimento intelectual proporcionando a aprendizagem, porém não se comportam de maneira passiva durante essas ocasiões, pois está em busca constantemente de novos conhecimentos. Não se pode entender que através de cópia, da memorização e de reprodução, estará proporcionando novas aprendizagens, mas compreender a necessidade de oferecer novos estímulos que permitam o desenvolvimento da linguagem escrita desde a educação infantil, favorecendo oportunidades iguais de aprendizagem para todos.

De acordo com Ferreiro (2011), existem fatores que contribuem para que ocorra o processo de construção do conhecimento como: criatividade, espontaneidade e modelos sociais. Esse processo ocorre em um ambiente social, mas as informações que vem do seu entorno não são recebidas passivamente pelas crianças, elas modificam e registram essas informações assimilando-as e estabelecendo uma relação com as situações vivenciadas.

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores intelectuais) (FERREIRO, 2011, p.25.).

Portanto, é fundamental que o educador considere o que a criança pensa, interpreta e mesmo não sendo alfabetizada contribui no processo da própria aprendizagem e dos companheiros, a partir do momento que a discussão sobre a importância da representação escrita da linguagem se torne uma prática escolar.

Conforme a autora, vale destacar que a concepção da escrita dá início ao seu desenvolvimento antes de ser ensinada para a criança de maneira formal, portanto o professor poderá favorecer oportunidades onde o aluno possa participar na construção do seu conhecimento, valorizar as habilidades da criança e compreender o processo de aprendizagem, sendo assim oportunizando a criança a descobrir e desenvolver a linguagem escrita com mais autonomia.

Segundo Barbosa (2006), o processo de aprendizagem é formado de ocasiões de experiências inserido com momentos de sistematização voltada para a observação, comparação e dedução, ou seja, a criança aprende a partir de modelos e estímulos os quais tem acesso com frequência. Consequentemente, o professor deve proporcionar situações que favoreçam condições à criança de se apropriar do conhecimento. É desta maneira que a escola fornece experiências ricas de situações de uso da escrita, oportunizando para as crianças que não tem acesso ao conhecimento em seu âmbito familiar.

### 2.3. O professor como mediador na construção da escrita

De acordo com Pérez; García (2001), o aluno inicia sua aprendizagem a partir da observação do contexto em que vive, forma sua própria opinião de acordo com a realidade, ingressando na escola com um conhecimento construído através dos modelos sociais que estão ao seu entorno.

[...] a criança interpreta a realidade antes de chegar à escola, possui uma série de conceitos intuitivos, constrói a partir da observação direta e de sua própria experiência uma série de esquemas de intervenção e elabora uma série de considerações sobre o mundo e a realidade. Dessa perspectiva, não é mais válida a metáfora do aprendiz como ‘tabula rasa’, sujeito passivo da aprendizagem. (PÉREZ; GARCÍA. 2001, p.17):

Ainda conforme os autores, evidentemente que as crianças começam o desenvolvimento da linguagem escrita a partir de várias situações reais vivenciadas, onde mantém um contato direto com materiais em que a escrita está sempre presente, sendo utilizada no dia-a-dia como componente social e cultural, percebendo o sentido de ler e escrever. Deste modo, nota-se que essas situações proporcionam uma aprendizagem interativa e construtiva, onde a criança tem como modelo o comportamento dos adultos que estão ao seu entorno. Em função destes contatos, a criança transforma suas estruturas cognitivas, conseguindo uma assimilação com mais equilíbrio e cada vez mais adequada à escrita convencional.

Sua participação em atos sociais nos quais ler e escrever tem propósitos explícitos (recordar, buscar informação, registrar, comunicar, expressar desfrutar...) ajuda-as a configurar suas próprias idéias sobre a natureza e as funções da escrita como objeto sociocultural e sobre sua importância em nossa sociedade (PÉREZ; GARCÍA, 2001, p.18).

Com isso, a maioria das crianças não inicia a escolarização em iguais condições, existem algumas diferenças que dependem essencialmente do aluno ter vivenciado ou não um meio de influência interativa com situação onde a escrita está presente e com adultos alfabetizados. Portanto, um dos papéis principais no início da primeira fase do ensino será distinguir e equilibrar essas pendências, permitindo que as crianças tenham contato manual direto com materiais escritos, perguntem e descubram a escrita, em um espaço com variedades de exemplos de escritores e de leitores. A principal função do educador é oferecer um ambiente interativo que possibilite a construção de conhecimentos em volta do escrito, sendo suficiente para compensar as diferenças das crianças que não tiveram essa alternativa fora da escola em seu contexto social, permitindo assim a formação de hipóteses sobre a escrita, compreender a função e os usos da escrita em situações concretas no espaço interno e externo da escola.

Para os autores, não se obtém o conhecimento sendo apenas o adulto o transmissor, mas por construção da própria criança, que vai aproximar cada vez com mais frequência da escrita. Com isso, percebe-se que o ser humano aprende sucessivamente à maneira que explora, experimenta o espaço estimulador, relacionando-se com o outro e com outros ambientes, sendo assim aprendendo com os iguais e com os adultos que fazem parte de seu entorno.

Com isso, a aprendizagem é um processo que se constrói no dia-a-dia de forma natural, a criança reelabora e reconstrói seus conhecimentos como consequência de uma atividade integral, de forma maleável e contextualizada para que assim possa participar e relacionar com outras ocasiões.

[...] podemos afirmar sem qualquer temor que a tarefa da escola e do professor não é ensinar (no sentido de mostrar transmitir ou transferir informação), mas facilitar a aprendizagem, gerar as condições e o ambiente para que os alunos aprendam automaticamente, sendo impropriedade e ineficaz orientar o trabalho para a reprodução mecânica de modelos externos. A consideração das idéias e das experiências adquiridas pelos alunos sobre a linguagem escrita, o oferecimento de uma base cultural rica e estimulante em situações e em experiências vitais, a exploração autônoma do código escrito, o estímulo ao uso funcional de estratégias facilitadoras podem ser boas bases para incentivar a aproximação autônoma progressiva e a construção dos alicerces práticos para a leitura e a escrita (PÉREZ; GARCÍA, 2001, p.23. Grifo dos autores).

Ainda conforme Pérez; García, (2001), desenvolver a aprendizagem da leitura e escrita implica em um processo cognitivo, porém, é uma atividade que envolve o social e cultural, colaborando para instituir uma conexão entre a cultura e o conhecimento. Pois, ao mesmo tempo em que a escola ensina a ler e a escrever, permite não somente a aprendizagem de conteúdos, mas as crianças vão além, aprendem a utilizar a linguagem em sua condição de principal ferramenta de convívio com outras pessoas e suas tradições. O educador exerce uma função essencial de mediador entre a cultura escrita e os alunos, terá que estar sempre com o objetivo de proporcionar desafios, colaborando para que a criança se desenvolva de forma espontânea e progressiva.

O estilo mediador do professor sugere necessariamente que ele estimule na criança o desenvolvimento da escrita e atue como seu interlocutor. A partir dos avanços na aprendizagem, a criança decifra o que consegue assimilar das interações com a grafia e estabelece conceitos que se modifica conforme seus conhecimentos avançam gradativamente. Com tudo, o professor deve estimular essa construção, proporcionando momentos que influencia constantemente o contato com o material gráfico permitindo que a criança se desenvolva com autonomia e cabe ao professor tentar compreender o que o aluno quis expressar através da escrita.

De acordo com o RCNEI (1998), vários itens podem ser utilizados no processo de aprendizagem das crianças da educação infantil, como reescrita de textos onde o professor pode ser o escriba ou o aluno com o auxílio do professor, nesses casos o aluno precisa ter acesso a uma diversidade de textos escritos. Essa atividade deve ser constante e o que se escreve deve ter um sentido, usando a oralidade para ensinar a linguagem escrita, pois o desenvolvimento coletivo da escrita com o auxílio do professor faz a criança desenvolver essa aprendizagem a partir de um processo de acordo com o tempo de cada aluno.

Também, trabalhar a escrita através de listas de objetos do conhecimento do aluno um processo que pode ser trabalhado em dupla com crianças entre quatro e cinco anos de idade contribui bastante no processo de aprendizagem, principalmente se uma das crianças é quem irá revisar, ou seja, participar ativamente na aprendizagem e transformando espaço em ambiente alfabetizador. O educador, no ensino infantil, deve utilizar textos diversificados em variadas situações para o desenvolvimento da leitura e escrita, lendo notícias, regras de jogos, entre outros, mostrando as possibilidades do uso da leitura no cotidiano das crianças e das pessoas que estão no seu entorno, apresentando assim oportunidades de construção de conceitos sobre como se escreve e como ler.

Além disso, desenvolver trabalhos com o nome dos alunos favorece um repertório de letras que servirá na produção de outras palavras, o educador pode trabalhar com identificação de objetos pessoais das crianças usando os próprios nomes, deste modo os alunos reconhecem seus nomes e se apropriam progressivamente da escrita convencional.

Neste sentido, para Lerner (2002), o educador poderá elaborar projetos que mostre a leitura e escrita como prática social, oportunizando as crianças a participarem de ações de leitura e escrita em sala de aula. Sendo o professor o principal exemplo de leitor durante o ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Para Lerner (2002, p.95) “A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa de escolaridade, quando as crianças ainda não leem eficazmente por si mesmas”.

Sendo assim, o professor deve oferecer em sala de aula, situações de acolhimento, precisa proporcionar atos de leitura e escrita na sala de aula de maneira que faça parte da rotina das crianças, assim a aprendizagem ocorrerá de forma espontânea.

No contexto educacional o professor pode aumentar as oportunidades de aprendizagem das crianças através de leitura, desenvolver atividades utilizando a escrita, permitindo que os alunos participem, interajam, contribuindo assim na construção de seu conhecimento. O trabalho compartilhado na escola se torna essencial no decorrer da aprendizagem da criança pré-escolar, pode-se formar interação não exclusivamente entre adultos, mas com crianças maiores também, ou crianças que se encontram na mesma condição, que têm os interesses, conhecimentos e necessidades semelhantes, que podem ser partilhados entre os mesmos.

Neste sentido, Parreiras (2009, p.28) diz:

Toda a exploração que o professor faz quando tem um livro em suas mãos se constitui em um ritual que quase não percebemos e que antecede a leitura: sentir o peso e a textura do livro, apreciar a capa, folhear as páginas, cheirar o livro, soltá-lo na mesa em um movimento de repulsa, ignorá-lo, reconhecer o autor já lido antes ou até descobrir novos autores. Tudo isso é como o abrir da cortina no teatro e o acender dos refletores para começar a peça. Só que isso se dá internamente, com cada leitor: às vezes a cortina é suntuosa, às vezes improvisada e os refletores variam de livro para livro, de leitor para leitor.

Sendo assim, nota-se que o educador influencia no processo aprendizagem do aluno através de suas ações positiva ou negativamente é preciso compreender que o conhecimento das crianças na educação infantil se dá a partir de suas experiências, seja em sala de aula ou no contexto social a que pertencem. Os exemplos de comportamento são fundamentais neste método de ensino, e o professor será o principal modelo de leitor, escritor, desenvolvendo atividades que envolva leitura de forma que a criança participe espontaneamente desse processo de construção.

---

### **3. Conclusão**

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de explicar, através de pesquisas bibliográficas, que a criança desde a educação infantil já se apresenta com capacidade de construir seu próprio conhecimento, desenvolve as habilidades de acordo com as oportunidades que lhe são oferecidas no ambiente a que pertence e que a escrita como elemento cultural faz parte da vida de todos, sendo fundamental para que ocorra a comunicação entre os seres humanos. Com isso, percebe-se a escrita como um fator de grande importância para o desenvolvimento do aluno, pois entende-se que este é um processo que tem início antes do aluno ingressar no Ensino Fundamental, já que o contato com a escrita e leitura começa desde o nascimento.

Com isso, se torna indispensável o contato com escrita no decorrer da Educação Infantil, permitir que a criança tenha acesso, conheça e construa o conhecimento sobre a escrita, acreditar que o aluno consegue participar nas suas próprias descobertas.

## Referências

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira et al. **A infância no ensino fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2006.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 20ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GATÉ, Jean-Pierre. **Educar para o sentido da escrita**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2008.
- LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A educação pré-escolar fundamentos e didática**. 10º ed. São Paulo- Ática, 2000.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: O que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquín Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SANCHEZ, Débora Barbosa da S. **Alfabetização e educação infantil**. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia ano 1- nº 2. 2004. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/pedagogia02/pages/artigos/artigo02.htm>>. Acesso em: 13- 04-2022.
- SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2009. Coleção Pensamento em Ação na Sala de Aula.
- TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. São Paulo: Artmed, 1999.